



REP's - Revista Even. Pedagógica.

Número Regular: Caminhos no/para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em espaços escolares

Sinop, v. 8, n. 2 (22. ed.), p. 779-796, ago./dez. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

A CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Fernanda Luiza Ferreira de Oliveira

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

O presente texto traz uma pesquisa realizada com cinco professores da rede municipal de ensino de Sinop com objetivo de compreender o autismo e entender o direito ao processo de inclusão e utilização de métodos atrativos que promovam a interação com os demais alunos. A pesquisa aborda, a partir da perspectiva dos professores, como essa criança é, e deve ser inserida no contexto escolar. Diante do aumento de casos de autismo, torna-se relevante discutir sobre a inclusão do autista na educação infantil, ampliando o conhecimento que auxilie o professor em sua rotina de convivência com o autista.

Palavras-chave: Autismo. Educação Infantil. Professores. Métodos. Interação.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é conceituado como um transtorno global do desenvolvimento, que se caracteriza pela incapacidade de interagir socialmente, com dificuldade no domínio da linguagem para comunicar-se ou lidar com jogos simbólicos, comportamento restritivo e repetitivo. Pouco se sabe sobre o processo de inclusão da criança autista na Educação Infantil, e principalmente o que pensam os professores a este respeito, quais os conhecimentos dominam sobre o autismo e qual a importância da Educação Infantil para a criança autista. Este é um tema

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A IMPORTANCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A CRIANÇA AUTISTA**, sob a orientação da Ma. Ademilde Gabriel Kato, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/1.

pouco discutido no espaço acadêmico, mas que requer atenção na formação inicial dos professores no sentido de instrumentalizá-los para a prática da inclusão.

2 DESVENDANDO O AUTISMO

Podemos conceituar o autismo como um transtorno global do desenvolvimento, que se caracteriza pela incapacidade de interagir socialmente, com dificuldade no domínio da linguagem para comunicar-se ou lidar com jogos simbólicos, comportamento restritivo e repetitivo. Desde a primeira descrição feita por Leo Kanner, médico austríaco, radicado americano, em 1943, que denominou esta síndrome de “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo”, após observar em seu consultório onze crianças que apresentaram características de incapacidade de relacionarem com pessoas e situações, com base nessas observações escreveu em 1943 o artigo: “Os transtornos autistas do contato afetivo”.

O pediatra austríaco Hans Asperger, apresentou em 1943, sua tese sobre uma síndrome que nomeou de “Psicopatia Autística Infantil”, caracterizando dificuldades de integração social das crianças, tal qual Kanner. Porém com uma diferença, afirmando que os autistas poderiam ter um bom nível de inteligência e linguagem e que, os sintomas apareciam após o terceiro ano de vida. Asperger descreveu a criança autista como, peculiar e interessante, capaz de compensar deficiências por um alto nível de pensamento e experiência pessoal podendo levá-la a excepcionais êxitos na vida adulta, foi o primeiro pesquisador que reivindicou um tratamento educativo apropriado para seres humanos diferentes e com dificuldades e características específicas. O quadro clínico do autismo causa prejuízo da habilidade social, no uso de comportamentos não verbal, na interação social, e no comportamento de apego.

O comportamento sofre alterações como, padrões restritos de interesse, manipulação sem criatividade dos objetos, ausência de atividade exploratória, preocupação com as partes de objetos, inabilidade para participar de jogos de imitação social espontâneos, adesão a rotinas rígidas, presença de maneirismos motores e crises de raiva ou pânico com mudanças de ambiente; mudanças súbitas de humor, com risos ou choros, comportamentos auto-agressivos, como bater a cabeça, morder-se, arranhar-se e arrancar os cabelos podem ocorrer.

O distúrbio da criança autista traz para família e aqueles que convivem com elas, uma necessidade especial no seu dia a dia, ou seja, na organização de sua rotina. E na escola como será?

3 O DIREITO A EDUCAÇÃO

Considerando-se a diversidade de sujeitos e distintas necessidades de cada um, inúmeras leis orientam a Política Nacional de Educação Inclusiva, regulamentando modelos de escolas regulares de modo a desenvolver uma pedagogia centrada no aluno visando trabalhar suas necessidades específicas para a aprendizagem e promoção da inclusão social. No Brasil o direito à educação das pessoas com deficiência não é recente, a Lei nº 4.024/61 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, garantia aos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino.

Falamos de educação nos parece tarefa difícil, falar de ensino para criança com autismo, é muito mais complicado, visto que a inclusão não é vivenciada em sua totalidade nas escolas públicas por falta de conhecimento, parcerias e ausência de formação especializada de professores, que acabam recebendo essas crianças em suas salas sem o preparo devido, que deveria acontecer com atenção especial ao desenvolvimento social, à comunicação e o comportamento, sendo acolhidos por pessoas com conhecimento e compreensão tanto do autismo como do próprio aluno que deve ocorrer em um ambiente o menos restritivo possível. Dado a especificidade, características e graus de comprometimento no desenvolvimento da pessoa com autismo, a lei nº 12.764 de 2012, institui a Política Nacional de Proteção da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, sendo considerada para efeitos legais pessoa com transtorno do espectro autista:

Aquela com deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e das interações sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento e padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (BRASIL, Diário Oficial da União, 2012, p. 2).

A sensibilidade de todos deve sempre prevalecer nos ambientes onde são atendidas crianças autistas, pois o desenvolvimento escolar de uma criança com autismo vai sempre depender do nível de TEA em que ela se encaixa. Os diferentes níveis de comprometimento se caracterizam pelos seguintes comportamentos:

- Nível 3 ou autismo grave: Denominado autismo clássico, a criança não se interessa por nada, não fala, não participa, não tem atenção ao que se passa ao seu redor, não tem interesse por crianças, nem por adultos. É uma situação mais crítica. Muitas vezes esse quadro é acompanhado de um déficit intelectual e comportamentos que se alteram constantemente. São crianças que se auto lesionam em crises. Mordem-se, batem a cabeça contra o chão, contra a parede. Porém, é importante frisar que, mesmo essas crianças podem ser compreendidas e educadas, passando a ter uma vida mais próxima do “normal”. Para isso, precisam de um atendimento individualizado e preferencialmente em escola especializada.

- Nível 1 e 2 ou autismo leve: Normalmente é uma criança calada, mas que responde quando perguntado, participa do grupo, mas de certa forma percebe-se que não tem grande interesse no que acontece ao seu redor. Conseguem acompanhar as aulas e os conteúdos didático-pedagógicos.

Existem métodos especializados para se trabalhar com a criança autista, desenvolvidos para auxiliar no processo de aprendizagem, interação social, linguagem, ajudando no controle dos movimentos repetitivos e diminuição das crises de ansiedade, que acontece quando a criança não consegue lidar com determinada situação.

4 MÉTODOS UTILIZADOS NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM AUTISMO

Simone Helen Drumond Ischkanian é pedagoga, Especialista em Educação Infantil e, em Neuropsicopedagogia, Mestre em Ciências da Educação é autora do **Projeto: Autismo e Educação** (2015), e apresenta em seu projeto, os principais métodos para se trabalhar com alunos autistas. Ela afirma que na educação de autista é muito importante que os profissionais conheçam todos os métodos e saibam conforme necessidade individual de cada um, qual utilizar e qual descartar nesse processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Padovan

Método de Reorganização Neurofuncional ou Reorganização Neurológica - A Organização Neurológica é um processo complexo, natural, mas dinâmico que leva à uma maturação do Sistema Nervoso Central, promovendo aptidão no indivíduo para cumprir o seu potencial genético, ou seja, pronto para desenvolver todas as suas capacidades, incluindo a locomoção, a linguagem e o pensamento. Essa reorganização consiste nas fases do desenvolvimento natural do ser humano como rolar, rastejar, engatinhar, pendurar-se em objetos, entre outros, que são significativamente importantes na definição do esquema corporal e da lateralidade (maturação do próprio Sistema Nervoso Central), tornando o indivíduo apto a dominar seu corpo no espaço, isto é, a poder fazer todos os movimentos que quiser, voluntários e involuntários, recapitulando fases do desenvolvimento natural que, preencherão eventuais falhas da organização neurológica original.

Método Floortime

A intervenção é chamada “Floortime”- hora do chão- porque os adultos vão para o chão, para poder interagir com a criança no seu nível e olho no olho.

É fundamentado na intencionalidade de que a criança melhore e contribua em um círculo de interesses e de interação com um adulto que vá ao encontro da criança independente do seu estágio atual de desenvolvimento e que o ajuda a descobrir e a sua força.

Tem como meta, desenvolver a criança, dentro dos seis marcos básicos para a plenitude do desenvolvimento emocional e intelectual do indivíduo, que são:

- Noção do próprio eu e interesse no mundo; Intimidade ou um amor especial para a relação humana;
- A comunicação em duas vias (interação);
- A comunicação complexa;
- As ideias emocionais e o pensamento emocional.

Neste método, que leva em conta a filosofia de interagir com uma criança autista, os pais ou o adulto em contato cotidiano com ela, entram numa brincadeira que a criança goste ou se interesse e, segue aos comandos que a própria criança lidera. A partir dessa ligação mútua, os pais ou o adulto envolvido na terapia, são instruídos em como mover a criança para atividades de interação mais complexa, um processo conhecido como "abrindo e fechando círculos de comunicação", ajudando a criança autista se tornar mais alerta, ter mais iniciativa, se tornar mais flexível, tolerar frustração, planejar e executar seqüências, se comunicar usando o seu corpo, gestos, linguagem de sinais e verbalização.

Método Son-rise

O Programa Son-Rise oferece uma abordagem educacional prática e abrangente inspirando as crianças a participarem ativamente em interações divertidas, espontâneas e dinâmicas com os pais, outros adultos e crianças. A aceitação da criança com autismo, associada a uma atitude positiva utilizando o entusiasmo e esperança em relação ao potencial de desenvolvimento desta criança. São princípios básicos para o tratamento.

Essa interação entre o adulto e a criança é descrita como "ir até o mundo da criança", buscando fazer a ponte entre o mundo convencional e o mundo desta criança, fazendo com que se sinta segura e aceita por este adulto, pois este a vê como um ser único e respeitado, não como alguém que precisa "ser consertado". Quanto maior é o entusiasmo do convite para interação que o adulto faz, maior será a interação e comunicação com essa criança, por isso a necessidade de responder aos sinais de comunicação que a criança nos emite, sejam estes verbais ou não verbais, mantendo-nos sempre disponíveis para interagir com ela quando ela quiser e puder. No Programa Son-Rise, toda a aprendizagem acontece no contexto de uma interação divertida, amorosa e dinâmica.

Método Picture Exchange Communication System- Sistema de Comunicação por Troca de Figuras- PECS

É um método de comunicação alternativa através de figuras, é uma ferramenta valiosa tanto na vida das pessoas com autismo que não desenvolvem a linguagem falada quanto na vida daquelas que apresentam dificuldades ou limitações na fala. O método PECS é reconhecido mundialmente por se dedicar aos componentes iniciativos da comunicação, em crianças com autismo e foi desenvolvido tendo em vista educadores e familiares, o que permite sua utilização em uma multiplicidade de ambientes, expandindo o vocabulário ensina as crianças com TEA a utilizarem atributos, como cores, formas e tamanhos, dentro das solicitações deles.

Fases do Pecs:

- Fase I - Ensina os alunos a iniciarem a comunicação desde o início por meio da troca de uma figura por um item muito desejado.
- Fase II - Ensina os alunos a serem comunicadores persistentes - ativamente irem à busca de suas figuras e irem até alguém e fazerem uma solicitação.
- Fase III - Ensina os alunos a discriminar figuras e selecionar uma figura que represente um objeto que eles querem.
- Fase IV - Ensina os alunos a usarem uma estrutura na frase para fazer uma solicitação na forma de “Eu quero”.
- Fase V - Ensina os alunos a responderem a pergunta “O que você quer?”
- Fase VI - Ensina os alunos a comentarem sobre coisas no ambiente deles, tanto espontaneamente como em resposta a uma pergunta.

Método Scerts

Social Communication, Emotional Regulation and Transactional Support - Comunicação Social, Regulação Emocional e Apoio Transacional. O modelo SCERTS, traz metodologias inovadoras pensadas para crianças com autismo estabelecendo como prioridade, o enfrentamento dos problemas básicos do autismo e ser aplicável às suas mais diferentes manifestações.

Tem como objetivo prioritário o desenvolvimento da comunicação e da regulação da emoção e propõe o uso de várias estratégias de suporte ao aprendizado na infância – que ocorre no contexto social de atividades e experiências diárias- assim sendo, esforços para apoiar o desenvolvimento de uma criança dentro do modelo ocorrem com cuidadores e familiares nas rotinas do dia-a-dia em uma variedade de situações sociais.

Não primariamente através do trabalho com uma criança em isolamento, mas implementado como abordagem multidisciplinar que faz uso de conhecimento especializado de uma variedade de disciplinas, incluindo educação geral e especial, voltada a patologias da fala e da linguagem, terapia ocupacional, psicologia infantil e psiquiatria, e assistência social.

Método Aba

Applied Behavior Analysis, ou seja, análise do comportamento aplicado, que se embasa na aplicação de um aprendizado baseado no condicionamento operante e de reforço para incrementar comportamentos socialmente significativos.

O tratamento ABA envolve o ensino individualizado das habilidades necessárias para que o indivíduo possa desenvolver independência e a melhor qualidade de vida possível de forma intensiva, reduzindo comportamentos indesejáveis como agressões, transtornos de movimentos estereotipados, auto-lesões, agressões verbais, e as fugas que fazem parte do tratamento comportamental, já que tais comportamentos interferem no desenvolvimento e integração do indivíduo diagnosticado com autismo.

Esse método visa desenvolver habilidades de contato visual e comunicação funcional, comportamentos acadêmicos como pré-requisitos para leitura, escrita e matemática, além de atividades da vida diária como higiene pessoal. Há várias técnicas e estratégias de ensino e aprendizagem comportamental associadas a análise do comportamento aplicado os quais tem se mostrado útil no contexto da intervenção incluindo tentativas discretas, análise de tarefas, ensino incidental e análise funcional.

Teacch

Método Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children - Tratamento e educação para autistas e crianças com déficits relacionados com a comunicação.

É um programa estruturado que combina diferentes materiais visuais para organizar o ambiente físico através de rotinas e sistemas de trabalho, de forma a tornar o ambiente mais compreensível, visa à independência e o aprendizado. Esse programa é educacional e clínico com uma prática predominantemente psicopedagógica, fundamentado na observação de comportamentos das crianças autistas em diferentes situações e estímulos, indicando, especificando e definindo operacionalmente os comportamentos alvo a serem trabalhados.

Uma das estratégias é manipular o ambiente do autista de maneira que comportamentos indesejáveis desapareçam ou, pelo menos, sejam amenizados, e condutas adequadas recebam reforço positivo.

São utilizados estímulos visuais (fotos, figuras, cartões), corporais (apontar, gestos, movimentos corporais) de áudio, sinestésico e visuais (som, palavra e movimentos associados às fotos), para buscar a linguagem oral ou uma comunicação alternativa.

Os métodos mais trabalhados na área comportamental são ABA e Teacch, que apresentam materiais visuais organizando o ambiente físico. Facilitando a compreensão da criança autista de rotinas e sistemas de trabalho e através de atividades de reforço para incrementar comportamentos socialmente significativos. Ambos ajudam a diminuir as situações indesejadas como as crises, onde alguns chegam até a se lesionarem. Já na área da comunicação o método mais utilizado é o Pecs, principalmente com os que não conseguem se comunicar, pois esse método substitui a linguagem verbal, por exemplo, cartões com figuras que representam objetos e situações que a criança utiliza para expressar aquilo que deseja.

Nas instituições de Educação Infantil e anos iniciais o método mais utilizado é o ABA de reforço positivo, através do qual os professores buscam um método onde a criança é incentivada a produzir algo em troca de algo que é de seu desejo.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE), por lei deve ser oferecido aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, devendo ser de forma transversal e permanente a todos

os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino. De acordo com o decreto N° 7. 611/2011 Art 2º, o Atendimento Educacional Especializado compreende um conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos, organizados institucional e continuamente, prestados de forma complementar à formação de estudantes com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento; e suplementar à formação de estudantes com altas habilidades/superdotação, devendo estar previsto no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, visando identificar e eliminar barreiras no processo de aprendizagem.

Isso nos remete a resultados positivos de aprendizagem, pois, pensar a inclusão envolve aspecto sócio emocional para que haja identificação e acolhimento. As crianças autistas apresentam necessidades singulares e seu desenvolvimento é ampliado quando freqüentam um ambiente educacional com adaptações para sua aprendizagem, com educadores e demais profissionais da escola preparados para esse processo, o que facilita na identificação das características. Pois o mesmo muitas vezes se apresentam de formas diferenciadas, algumas crianças podem apresentar falta de concentração enquanto outras podem ser hiperativas, em ambas situações a memória deles costuma ser muito boa.

Outro aspecto importante no processo de aprendizado da criança autista é manter uma rotina, ou seja saber o que vai acontecer lhe traz segurança. Sair da rotina é visto como um grande problema e causa desequilíbrio na criança autista.

Para superar esse obstáculo, o primeiro passo do professor deve ser a criação de vínculo afetivo entre ele e a criança, fazer com que ela sinta confiança nele. Deve também utilizar material concreto, pois as crianças autistas aprender mais tocando os materiais, tornar habitual a utilização de gravuras, para a transmissão de informações textuais, de preferência na altura do olhar dessas crianças, facilitando a concentração delas, sempre com cuidado para que não haja excessos, pois ambientes com muitas cores ou som alto pode causar falta de compreensão por parte da criança e acabar gerando uma crise, que em muitos casos são confundidas com birra.

Segundo Sarges (2015), o professor, é um profissional em permanente processo de formação, passível de revisões e inovações, oriundas das múltiplas experiências vividas durante a sua trajetória pessoal e profissional. Portanto, a

trajetória do professor se estrutura em espaços, tempos, níveis, dimensões e saberes diversos por meio de uma prática intersubjetiva e comunicativa entre o individual e o coletivo, relacionando intimamente a formação docente com a produção da vida e da profissão.

A formação deve ser entendida em uma perspectiva de educação permanente, com uma associação coerente entre a formação inicial e continuada, estabelecendo um projeto amplo e contínuo que abranja todas as etapas e as modalidades de ensino, superando a fragmentação existente no processo de formação, que desarticula e rompe com o sentido de construção e reconstrução contínua dos saberes e do fazer docente. Segundo Buoro (2015, p. 26).

O professor precisa ter grande sensibilidade para trabalhar com esse sujeito, ainda que o nível de autismo da criança seja baixo, esse aluno vai necessitar de intervenções diferenciadas daquelas dirigidas aos alunos regulares. O professor necessita receber um apoio psicológico por parte da gestão da escola, uma vez que a inclusão deve ser realizada por todos na instituição e não somente pelo educador.

A inclusão deve ser realizada por todos na instituição e não somente pelo educador. O professor precisa receber apoio psicológico por parte da gestão da escola, curso de formação continuada, necessita estar sempre atento ao que há de novo nos métodos dirigidos aos autistas pois, buscar novas técnicas de intervenção para o aluno com autismo pode ser de grande ajuda na sala de aula para que assim, consiga criar intervenções diferenciadas para essas crianças. Pois mesmo que o nível de autismo da criança seja leve, ela precisa de atividades diferenciadas daquelas destinadas aos alunos comuns.

5 COMO ATENDER A CRIANÇA AUTISTA

É necessário lançar olhares para as crianças com autismo na educação infantil, compreendendo, respeitando e possibilitando que elas sejam autônomas, pois reagem de modos diferentes. Falta-lhes a discriminação emocional, a empatia com o outro e a manifestação do desejo ou falta de interesse por algo durante seu processo de desenvolvimento. Não há dúvidas de que se deve insistir na formação de professores. Segundo Mendonça (2013, p. 13).

Fica claro que para a formação do professor, deve-se investir desde a formação inicial para a educação inclusiva e ao longo de sua carreira, atualizar-se sempre em cursos de formação continuada. Só assim estaremos dando um passo em direção ao atendimento de crianças com deficiências na sala de aula da escola regular.

Cancino (2013), apresenta valiosas dicas de como trabalhar com crianças autistas como, solicitar às famílias um relatório dos interesses de seus filhos apontando coisas que causam desagrado a eles, recomenda utilizar materiais que despertem sua atenção, trabalhar por períodos curtos em atividades de complexidade crescente, falar pouco, somente as palavras mais importantes, Utilizar gestos simples e imagens reafirmando o que é falado permitindo uma melhor compreensão, organizar rotinas, estimular a participação em tarefas da casa, sempre dialogar olhando para a criança em sua altura, respeitar os momentos que ela precisa ficar sozinha, conhecer suas capacidades para utilizá-las como entrada para as atividades de ensino, evitar excesso de barulho até mesmo nas falas, sempre perguntar como foi o seu dia ou suas atividades, é preciso ter conhecimento de técnicas de modificação de conduta para acalmar a criança nas situações de crises.

É muito importante considerar que, a popular “birra” acontece quando a criança autista não consegue mais lidar com algum fator estressante ou frustrações, como estímulo ou alteração na rotina, que tem sido contido de alguma forma, gerando uma crise que pode ocorrer em forma de gritos, choros, a criança pode cobrir as orelhas com as mãos, se machucar propositalmente ou promover agressão.

A criança autista não faz birra de propósito, é claro que, ela passa como toda criança, pelas fases de desenvolvimento e em algum momento dessas fases ela fará birras normalmente como qualquer criança que deseja algo. Segundo PIAGET(1971), não se pode conceber o conhecimento como algo predeterminado desde o nascimento (inatismo), nem como resultados de simples registro de percepções e informações (empirismo). O conhecimento resulta das junções das ações e interação do sujeito com o ambiente onde vive, ou seja, é uma construção desenvolvida desde a infância através de interações do sujeito com os objetos que procura conhecer, seja eles do mundo físico ou cultural). Portanto não podemos

confundir essa fase do desenvolvimento pela qual toda criança passa, com o momento que a criança autista não está conseguindo lidar com a situação, ela utiliza o ataque - popular birra - como recurso de comunicação, especialmente quando todas as outras tentativas não deram certo. Para Uchôa (2015, p. 19).

O professor necessita incluir os alunos, de forma que proporcione oportunidades da mesma maneira do demais, para que as crianças com autismo sejam aceitas pela turma e por toda sociedade. Entretanto, não é apenas a inserção nas escolas regulares, mas a busca da valorização desses alunos mesmo com suas limitações e respeitando suas diferenças.

6 CAMINHOS DA PESQUISA

Este estudo se caracteriza como pesquisa qualitativa, que visa explicar a razão do problema estudado por meio de análise de dados buscando a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Este modelo de pesquisa visa descrever, compreender, explicar o problema estudando o problema em lócu, relacionando como mundo cuja metodologia se constitui segundo Prodanov e Freitas (2013), a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observadas para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade.

Analisando o processo de inclusão da criança autista na Educação Infantil considerando a perspectiva de professores que trabalham com crianças devidamente diagnosticadas com autismo, buscou-se compreender como os professores atendem essas crianças em sala, em ambientes externos e em sala de recurso.

Com relação à inclusão da criança com autismo na educação infantil no contexto da instituição da educação infantil de cada professor entrevistado, percebe-se que a inclusão acontece da mesma forma como outra criança qualquer ingressa em uma instituição de ensino, com acolhimento harmonioso e agradável, sempre por meio de intervenções lúdicas, onde se cria situações de brincadeiras com atividades voltadas a participação de todas as crianças, proporcionando a interação entre elas.

Sobre a interação entre as crianças autistas e as demais, eles afirmam que no começo é difícil promover a interação, mas que existe um trabalho da equipe da instituição – não somente dos professores - para que essa criança possa interagir

com as outras, e que no decorrer do ano letivo a interação acontece em todos os momentos como, rodas de conversa, nas brincadeiras, nos momentos das refeições, nas danças, músicas, entre outros.

Quanto ao questionando feito aos professores sobre conhecimento específico do autismo, obteve-se respostas evasivas, com a maioria dos professores admitindo ter pouco conhecimento sobre o assunto, usam da internet para pesquisar sobre o autismo e outros afirmam que a prática pedagógica vai trazendo subsídios com as descobertas diárias, através da relação com a criança e a observação direta de seu comportamento e percepção de seu desenvolvimento. Identificam de forma superficial as características do autismo, como um transtorno que afeta o comportamento social linguagem e do desenvolvimento intelectual.

Os professores também relataram as dificuldades enfrentadas por eles para promover a inclusão dessas crianças nas rotinas diárias da instituição. Eles acham difícil trabalhar com essas crianças, pois as mesmas possuem comportamento atípico que interfere – e para alguns prejudica – no desenvolvimento das atividades propostas as demais crianças. O próprio contexto da sala de aula provoca crises na criança autista, pois elas se sentem incomodadas com o barulho provocado pelo grande número de alunos em sala.

Em busca de conhecimento específico sobre o autismo, todos os professores reconhecem a formação continuada como oportunidade de construção do conhecimento sobre o autismo. Eles recebem capacitações quinzenalmente durante todo o ano letivo, onde aprendem sobre os métodos de ensino mais adequados para cada deficiência ou situação e compartilham suas experiências e práticas tornando-os mais aptos.

Os métodos ABA, PECS e TEACCH são os mais conhecidos pelos professores, logo, são também os mais usados, em atividades que envolvem repetição, associação e treinamento, visando promover autonomia, identidade, comportamento e interações, com mais frequência, sem descartar os outros métodos utilizados mais esporadicamente.

A pesquisa mostrou que outro recurso utilizado pelos professores são as salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado), essas salas são vistas como fundamentais para auxiliar no trabalho com a criança autista, pois permite que ela tenha um atendimento integral e individual, possibilitando maior

desenvolvimento, pois em sala com as outras crianças, o professor muitas vezes não consegue dar a atenção necessária a essa criança.

É comum também a opinião de todos sobre os espaços físicos das instituições de educação infantil, para eles toda a escola precisa ser um espaço acolhedor e acessível a todos com salas amplas e organizadas com materiais adaptados a altura dessas crianças, com espelhos, brinquedos e parques com gramados e areia, pensada para as necessidades e especificidades de seus alunos.

Cool, Palacios e Marchesi (1995), reafirmam a necessidade de se trabalhar em espaços com pequenos grupos, aproveitando melhor um planejamento personalizado, com materiais que facilitem o entendimento da criança autista e que os ambientes sejam favoráveis a compreensão da criança autista sobre sua conduta e a interação com as demais.

Em caso de alto grau de comprometimento a escola especializada é mais indicada, pois é organizada para atender as necessidades da pessoa com autismo. Devendo ser explorada as possibilidades de convívio com demais crianças de sua idade, porém, se o grau de comprometimento for severo, o convívio com outras pessoas pode desencadear crises e ser estressante, prejudicando em vez de favorecer seu desenvolvimento.

É preciso pensar na criança, no espaço que ela deseja e que vai proporcionar a ela uma melhor qualidade em seu desenvolvimento.

Para pensar em uma educação infantil para crianças autistas, é preciso reconhecer a necessidade de obter mais informações a respeito do problema da criança, entender como ela se comporta, do que ela tem medo, do que gosta e aonde se sente bem, a partir daí, pode-se planejar, propiciar segurança a ela e ganhar sua confiança, pois a criança que não tem confiança em seu professor não consegue desenvolver.

O receio de alguns professores em trabalhar com crianças autistas é gerado pelo desconhecimento de suas necessidades. O conhecimento capacita, rompe barreiras e faz a inclusão ser tarefa menos pesada e impositiva e ainda possibilita o desenvolvimento da criança autista, pois ela reflete a situação que vive.

7 CONCLUSÃO

Esse trabalho mostrou o quanto é importante que o processo de inclusão da criança autista ocorra a partir da Educação Infantil. Sempre levando em consideração o que é melhor para ela e o que necessita para o seu desenvolvimento utilizando métodos específicos.

É preciso que os professores acolham seus alunos durante esse processo, sempre respeitando suas particularidades e seus receios, garantir seu espaço, proporcionar e eles um ambiente de proteção e confiança, pois é isso que a criança autista precisa sentir no professor e por toda equipe escolar, para que seu aprendizado evolua e aflore seu desenvolvimento.

THE AUTISTIC CHILD IN CHILD EDUCATION

ABSTRACT²

The present text brings a research carried out with five teachers of the municipal network of teaching of Sinop, with the objective of understanding autism, the process of inclusion and the use of methods that are attractive to promote interaction with other students. The research addresses, from the perspective of teachers, how this child is, and should be inserted in the context of the school. In view of the increase in cases of autism, it is relevant to discuss the inclusion of autistic children in early childhood education, increasing the knowledge that helps the teacher in his routine of living with the autistic.

Keywords: Autism. Early Childhood Education. Teachers. Methods. Interaction.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, F. B. Junior; SCWARTZMAN, José Salomão. **Autismo Infantil**. São Paulo: Memnon, 1995.

BEREOHFF, Ana Maria P; LEPPPOS, Ana Lúcia E FREIRE, Helena Vasconcelos. **Considerações Técnicas sobre o atendimento psicopedagógico do aluno**

²Resumo traduzido pela professora Ângela Cristina Cassiano Campos, graduada em Letras pela Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop, 2003/1.

portador de condutas típicas da síndrome do autismo e de psicoses infanto-juvenis. Brasília: Asteca, 1994.

BRASIL. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União**, Brasília, dez. 2012. p.2.

BUORO, Larissa. **Autismo:** Aspectos cognitivos, educacionais e neurobiológicos com base na análise dos livros “Mundo Singular: entenda o Autismo” e “Os gatos nunca mentem sobre o amor” e na literatura especializada. 2015. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, de Rio Claro, 2015.

CANCINO, Miguel Higuera. **Transtornos do Desenvolvimento e da Comunicação:** autismo. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

CORNELSEN, Sandra. **Uma Criança Autista e sua Trajetória na Inclusão Escolar por meio da Psicomotricidade Relacional.** 2007. 200 f. Dissertação apresentada à Linha de Pesquisa em Cognição e Aprendizagem, do Programa de Pós - graduação - Mestrado em Educação - da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação:** necessidades Educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 1995.

DRUMOND. Simone Helen Ischkanian. **Autismo e educação.** Disponível em: <<http://simonehelendrumond.blogspot.com>>. Acesso em: 10 maio 2016.

GAUDERER, E C. **Autismo e outros atrasos do Desenvolvimento:** uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais. São Paulo: Sarvier, 1985.

MENDONÇA, Ana Abadia dos Santos. Escola inclusiva: barreiras e desafios. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação.** Uberaba, v.1, out. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Revista/Downloads/801-2974-1-PB.pdf>. Acesso: 04 jan.2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano ; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SARGES, Rosilene da Silva. **Escola inclusiva:** um diagnóstico do estado atual na URE 4 no município de Marabá no Estado do Pará e perspectivas para o futuro. 2015. 91f. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de mestre em Ciências da educação na área de Especialização em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, conferido pela Escola Superior Almeida Garrett. Lisboa, Portugal 2015.

UCHÕA, Yasmim Figueiredo. **A criança autista na educação infantil:** Desafios e possibilidades na educação inclusiva. 2015. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, Universidade do Estado da Paraíba, Campina Grande, 2015.

Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Caminhos no/para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em espaços escolares Sinop, v. 8, n. 2 (22. ed.), p. 779-796, ago./dez. 2017

Correspondência:

Fernanda Luiza Ferreira de Oliveira. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail fernandaluizafer@yahoo.com.br

Recebido em: 17 de novembro de 2017.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2017.